

Xucurus dominam a Serra de Ororubá

A História registra presença da tribo antes mesmo dos europeus iniciarem a colonização da região

Fotos Otávio de Souza

Roziane Fernandes
É difícil observar as montanhas da Serra de Ororubá sem associá-las aos índios xucurus. A História, contida em documentos e livros, registra a presença daquela tribo antes mesmo de o branco colonizador fixar seus interesses em terras indígenas. Os primeiros conflitos entre aqueles que chegavam à região e os xucurus datam do século XVII, quando o Governo de Pernambuco, à revelia, doou sesmarias para colonizadores em áreas habitadas pelos índios. Numa sucessão de perdas territoriais, onde os xucurus foram obrigados a se readaptar em terras menos produtivas, e às vezes descontinuas, eles chegam à atualidade reivindicando ainda uma área para viver.

O povo Xucuru é uma raça valente que até hoje tem em seus guerreiros, a maior demonstração de resistência à violência e políticas colonizadoras aplicadas no Sertão e Agreste do Estado. Já não usam o arco e a flecha para defender seu território mas sim, o dom da palavra e da conscientização de todos. Sabem que dessa forma, a tribo permanecerá unida diante da batalha que se transformou a briga pela posse da terra.

Desde o início dos contatos entre brancos e índios a relação de convivência nunca se mostrou amistosa. A colonização daquela região foi centrada na Vila de Cimbres (a aldeia Ararobá dos xucurus de então). Sem nenhuma consulta aos que residiam no local, o homem branco deu partida a um processo de catequização dos índios que durou, pelo menos dois séculos. A Igreja Católica assumiu a ad-

ministração da aldeia indígena para depois repassá-la ao Governo de Pernambuco. O índio, elemento a ser colonizado, nunca teve sua opinião respeitada diante da definição do seu futuro. **Paraguai** — Mesmo assim, participaram, em 1865, de uma guerra de brancos, a do Paraguai, envolvidos num sentimento de proteção às terras brasileiras. Os poucos que retornaram da batalha receberam, como recompensa da Princesa Isabel, documento garantindo a posse de suas terras. Isso pouco foi respeitado por aqueles com interesse em suas terras porque nunca o documento foi encontrado.

Em troca os xucurus receberam do Governo, 14 anos depois, a notícia de que a aldeia de Cimbres seria extinta para que o terreno fosse distribuído com novos ocupantes. Os xucurus que se encontram hoje naquela área, são fruto da resistência de inúmeras famílias que lutaram contra as investidas dos brancos. Do final do século passado para cá, os índios tentam junto ao Estado a demarcação de suas terras sem sucesso. Os xucurus perderam quase todo o seu território e estão atualmente imprensados entre as inúmeras fazendas de não-índios que se instalaram em suas terras.

Índios querem justiça sem derramamento de sangue, mesmo que alguns de seus líderes estejam sendo ameaçados de morte

Luta pela sobrevivência — Pouca coisa mudou na vida dos xucurus durante esses anos todos. Dos 26.980 hectares de terra a que têm direito, de acordo com estudos da Funai, usufruem apenas 600 hectares. São cinco mil pessoas espalhadas por 23 aldeias onde se identificam ainda mais de 300 posseiros. Grandes latifundiários, indústrias e até políticos de Pesqueira ocupam terras indígenas. Pela demora de



Chicão, o cacique: "Precisamos de terra"



O olhar da índia e da criança reflete o abandono em que os indígenas vivem

decisões governamentais para a demarcação e sem condições de ampliar suas áreas de plantio, os xucurus partiram, em 1987, para a ocupação de áreas nas mãos de posseiros.

A primeira em questão foi a Fazenda Olho D'Água, onde garantem estar os locais sagrados dos xucurus. As terras que compõem a fazenda Olho D'Água estiveram sob o controle dos índios até o século passado — época em que o Governo Imperial acabou com sua administração sobre as aldeias xucurus passando-a à Prefeitura de Pesqueira. Elas foram então repassadas, em 1952, ao Ministério da Agricultura para a execução de projetos agrários. Ficaram sem utilização por anos e os índios a reocuparam.

A burocracia governamental passa então a reger a vida dos xucurus que desde 1981 vêm formalmen-

te reivindicando a posse da Fazenda Olho D'Água. As terras já foram doadas pelo Ministério da Agricultura à Funai por dez anos, em sistema de comodato. Pela tensa situação vivida entre índios e posseiros da Olho D'Água, a Funai solicita ao MA que o imóvel seja repassado definitivamente para os índios. A resposta não veio até hoje porque a decisão deverá ser tomada pelo Departamento de Patrimônio da União.

A falta de terras ainda perdura. Em 23 de fevereiro passado, cerca de 40 famílias ocuparam 1.500 hectares da Fazenda Caípe de Baixo. Segundo o cacique dos xucurus,

Resistentes às violências e à política de colonização dos indígenas defendem seus interesses, hoje, através da comunicação

Francisco de Assis, o Chicão, a reconquista de parte da área indígena, ocupada por brancos, se deu "pela necessidade de plantar".

Antes da reocupação, os índios enviaram uma série de documentos

a diversas instituições governamentais explicando o motivo da ação. "Nada foi feito para nos ajudar por isso, retomamos a fazenda. A reportagem do DIÁRIO DE PERNAMBUCO encontrou os xucurus em meio a uma assembleia onde as famílias discutiam de que forma o terreno seria partilhado entre todos. O processo de ocupação da Fazenda Caípe de Baixo está correndo na Jus-

tiça sob a forma do processo nº 92.0002697-A.

O fazendeiro Milton do Rego Barros Didier, antigo proprietário, contesta a ação dos índios, alegando ter escritura pública registrada em cartório comprovando a propriedade, desde 1969. Na Serra de Ororubá o clima é tenso e diversas vezes lideranças indígenas já foram ameaçadas de morte. Muitos posseiros, por provocação, soltam o gado em plantações dos xucurus onde as perdas são gerais.

"Isso já aconteceu umas trinta vezes", diz o cacique. Chicão é o poder de fogo dos xucurus e por isso, sua vida é protegida por muitos índios. "A nossa arma é a Justiça. Se sentirmos que haverá derramamento de sangue nos afastamos para que ela atue". Os guerreiros xucurus aguardam dias melhores.

DETERMINAÇÃO

Povo sempre lutou por suas terras

Partem da Serra de Ororubá — nome de uma árvore típica da região com capacidade de cura segundo os índios — os ventos que poderão modificar, para melhor, a situação da população indígena pernambucana. Dentre todas as sete tribos do Estado, são os xucurus os mais conscientes de seus direitos e os mais politizados. Esse fato poderia ser explicado pelo passado da luta por suas terras desde o início da colonização da região.

Mesmo não aceitando a condição de ser a mais atuante liderança indígena de Pernambuco, o cacique xucuru, Francisco de Assis, o Chicão, mobiliza sua tribo e tenta uma coligação de forças com as demais nações para que seja concreta a participação deles na elaboração do Estatuto do Índio, a ser implantado

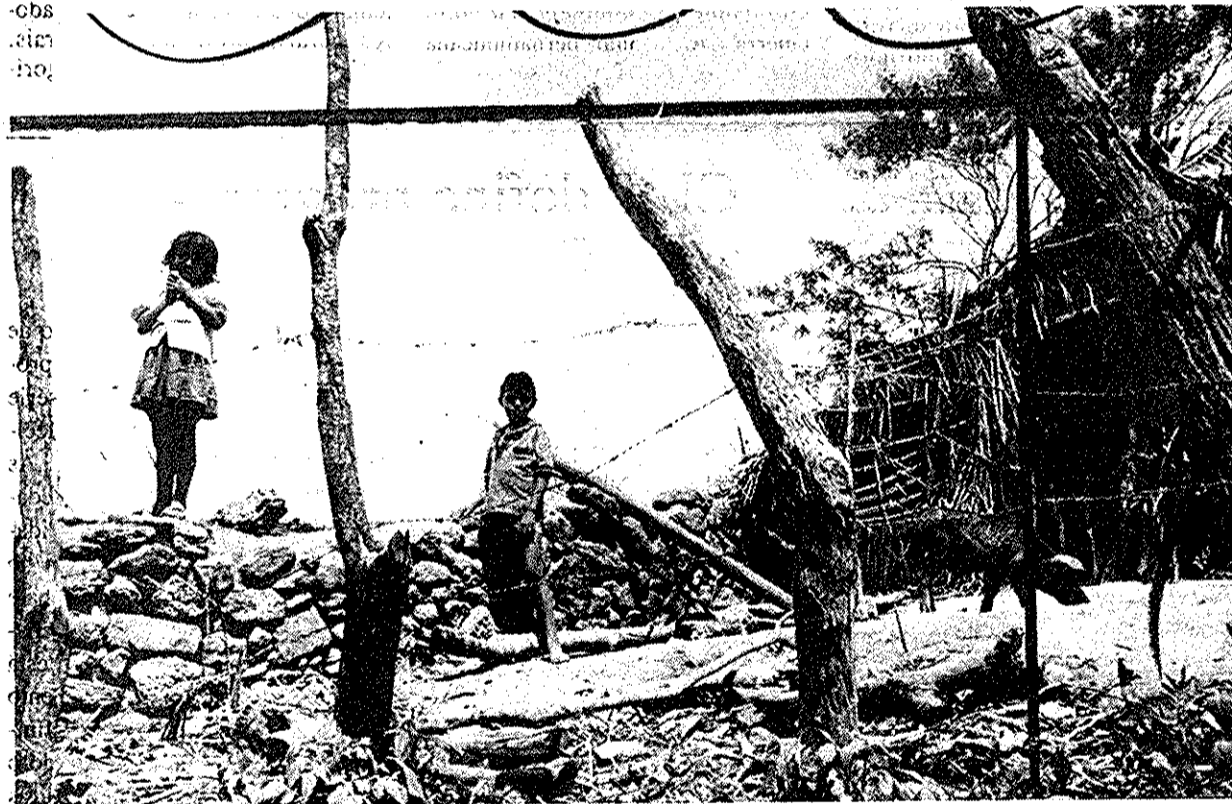
pelo Governo. O engajamento de todos vem sendo conseguido através de sucessivas reuniões entre as lideranças. O esforço já culminou numa assembleia com os 14 povos indígenas do Nordeste e em um encontro nacional das 500 lideranças do Brasil, no último final de semana, em Brasília.

A união é fundamental para o futuro das tribos brasileiras. Há dois anos Nafison Pataxó — liderança da tribo baiana Pataxó — fundou com a participação de diversos chefes índios a Comissão de Articulação dos Povos Indígenas do Norte-Nordeste. A entidade vem tentando apoio de deputados federais e estaduais das duas regiões para problemas como demarcação de terras, e definição de uma política indigenista.

O cacique Chicão tem opiniões bem definidas quanto à interferên-

cia da Funai em assuntos indígenas. A tutela exercida por aquela instituição sob forma de lei, é questionada pelo líder xucuru. "Somos tratados como crianças, sem capacidade de administrar os nossos problemas. Não temos autonomia para nada. Queremos acabar com a tutela da Funai para mantermos a nossa cultura, nossas tradições".

Como pensa Chicão a desvinculação da Funai na tutela aos índios não comprometeria a proteção aos povos no que diz respeito às suas terras e assistência à saúde e a educação. "Isso já é garantido a nós na Constituição Federal. Pela tutela, por exemplo, não temos direito a retirar créditos bancários para implementar nossas agriculturas que já não contam com muito apoio da Funai, ou mesmo beber" — é proibida a venda de bebidas alcoólicas aos índios.



Em fevereiro, os xucurus reocuparam a Fazenda Caípe de Baixo, tomada deles por um fazendeiro da região

Fome é um dos problemas mais angustiantes

Um dos mais sérios problemas de saúde dos xucurus é a falta de alimentos. Em menos de dez dias, seis crianças índias morreram em consequência de subnutrição que é generalizada naquela tribo. Maria José Pereira de Araújo, 21 anos e cinco filhos, perdeu o seu mais novo, de apenas dois meses, há poucas semanas. Também subnutrida, ela ainda tentou socorro no posto de saúde da Funai. "Mas não tinha nenhum remédio lá. Segui então para um hospital de Pesqueira onde me aconselharam voltar para casa porque minha menina não tinha mais jeju".

Assim como as seis crianças mortas recentemente, inúmeras outras estão com a saúde comprometida sem que uma atenção especial tenha sido dirigida pela Funai à questão. A entidade, através de sua Administração Regional de Garanhuns, assegura que não foi informada oficialmente das mortes ou da alta incidência de

subnutrição na tribo Xucuru. Para o cacique Francisco de Assis (Chicão), no entanto, o que a entidade faz é apenas negar a realidade.

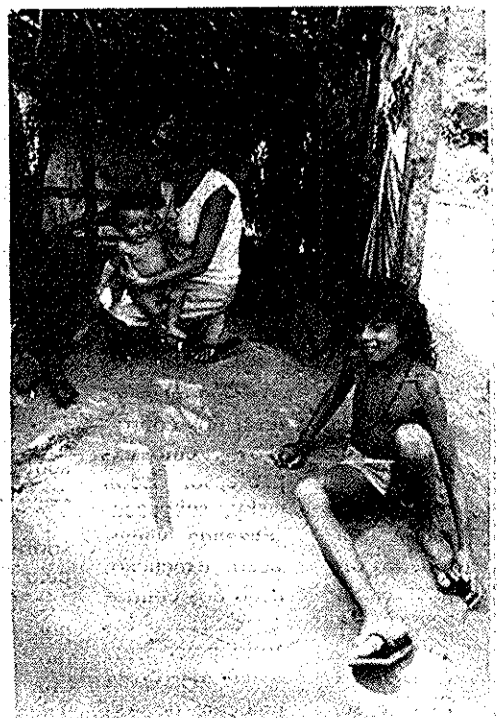
Os dois postos de saúde dos xucurus, Canabrava e São José, estão sem médicos e remédios há um bom tempo. Como nas demais tribos do Estado, as sementes não chegaram ainda para que os índios pudessem iniciar

as culturas de feijão, milho, mandioca e fava. As cestas básicas, prometidas pelo Governo, foram cortadas sem que eles fossem informados dos motivos. As aldeias estão localizadas numa microregião do vale do Ipojuca onde a terra, no verão, tem capacidade de produzir cenoura, tomate e uma infinidade de frutas. A precariedade que circunda os xucurus impede qualquer

possibilidade de progressos agrícolas.

Fora da sala de aula — De acordo com o cacique, as crianças, além de mal alimentadas, estão sem escolas. Nessa situação vivem mais de cem crianças que não tiveram chances de se matricular nas escolas mantidas pela Funai. Outra agravante na educação, como explica Chicão, são as poucas bolsas financiadas pela Fundação Nacional do Índio para aqueles que atingem a 5ª série do Primeiro Grau e que devem estudar em escolas de Pesqueira. "Ela limitou o número de bolsas que hoje não atendem nem a vinte alunos.

Assim mesmo esses poucos têm dificuldades de comprar até o material e fardamento escolar porque o dinheiro é pouco", admite o cacique. As lideranças reclamam ainda da ausência da cultura indígena entre as disciplinas escolares oferecidas nas escolas da Funai. Para eles, é dessa forma que a entidade destrói as suas tradições.



Maria José já perdeu filhos por causa da fome. Subnutrição ronda a tribo



Subnutrição ronda a tribo

Não existe mais nenhum traço da velha religião

Os xucurus começaram a se afastar de seus deuses e costumes desde que a Congregação do Oratório da Madre de Deus instalou, em terras doadas pelo Governo, a Missão Ararobá, responsável pela catequização dos índios no período de ocupação do Nordeste. Pouca coisa da história primitiva foi poupada pelas ações católicas em sua ansia de converter almas. Em meio a um esforço, os mais velhos conseguiram trazer para os dias de hoje pequenos fragmentos de uma grande cultura indígena.

A língua dos xucurus, o tupiguarani, não passa de 600 palavras — o máximo que se conseguiu repassar em meio à interferência indiscriminada da cultura branca entre os índios. Mesmo assim, as lideranças e os mais antigos fazem questão de que elas sejam dominadas pelos jovens numa forma de impedir que ela desapareça em curto espaço de tempo.

É pensamento quase dominante entre a tribo que o massacre das tradições e conhecimentos xucurus foram intencionais ao longo dos anos, num processo que tinha a cla-

ra intenção de desarticulá-los enquanto um povo. Isso, para eles, aconteceu com todas as nações que se separaram com situações constrangedoras de pouco saberem sobre si mesmos.

O pajé dos xucurus, Pedro Rodrigues, que vem de uma sucessão familiar nessa função, acredita que mais do que nunca os índios devem se apegar aos seus ritos — até por-

que o que receberam de outras culturas não contribuiu muito para a evolução do grupo. Voltar os olhos para a terra, é tudo que ele espera dos irmãos xucurus — "xurucu, minha filha, é o nome de um barro que dá

muito por aqui. Por isso temos que estar próximos da natureza dos nossos antepassados".

Proteção — Pedindo proteção a Tupan (Jesus) e a Tupaité ("pai do pai eterno") os xucurus dançam reunidos o Toré todas as vezes em que querem redobrar as forças para a luta diária. Para questões mais sérias, envolvendo a segurança da tribo, o pajé, ao lado de alguns índios, "identificados pelos espíritos dos antepassados como médius" participa da pajelança onde se traçam os melhores caminhos que os xucurus devem seguir.

Massacre das tradições foi intencional ao longo dos anos em que ocorreu a colonização dos brancos